

O ensino de jornalismo investigativo e de jornalismo de dados no Ceará: um estudo sobre abordagens nos cursos de graduação

The teaching of investigative journalism and data journalism in Ceará: a study on approaches in undergraduate courses

Naiana Rodrigues da Silva¹
 Adriana Silveira Martins²

Resumo: O Jornalismo na atualidade não é uma atividade exclusiva de profissionais diplomados, contudo, a educação formal ainda tem valor relevante para o mundo do trabalho. Nesse sentido, os cursos de graduação são desafiados a construir currículos que contemplem a complexidade contemporânea, marcada pela emergência de novos arranjos no jornalismo e por inovações tecnológicas. Diante disso, investigamos como os cursos de graduação em Jornalismo, no Ceará, abordam o jornalismo investigativo e o jornalismo de dados.

Palavras-Chave: Profissionalização. Jornalismo de dados. Jornalismo investigativo.

Abstract: Journalism nowadays is not an exclusive activity of qualified professionals, however, formal education still has relevant value for the work. In this sense, undergraduate courses are challenged to build a structure that contemplate contemporary complexity, marked by the emergence of new arrangements in journalism and technological innovations. Faced with this, we investigate how the undergraduate courses in Journalism, in Ceará, deal with investigative journalism and data journalism.

Keywords: Professionalization. Data Journalism. Investigative Journalism.

.....

¹ Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutoranda em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

² Jornalista especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

1 O estatuto profissional do jornalismo contemporâneo

A constituição do jornalismo enquanto campo profissional passou por uma extensa disputa simbólica de reconhecimento social, na qual a criação de entidades representativas como associações e sindicatos; a abertura de cursos superiores de formação e a elaboração de uma deontologia foram investimentos necessários à elevação do estatuto profissional (TRAQUINA, 2005) ainda no século XIX. O Jornalismo profissional firmou-se como tal no século XX, gozando de prestígio social, erigindo seus valores e *ethos* em defesa da democracia e encontrando estabilidade por meio de um modelo de negócios sustentável. No entanto, a passagem para o novo milênio abalou as certezas estruturais do jornalismo, fazendo-o entrar em uma crise multidimensional.

No contexto precário individualizado do jornalismo contemporâneo, não é exagerado dizer que há sinais de estar ocorrendo um processo gradual de desprofissionalização (Witschge; Nygren, 2009), com a profissão estando sob enormes pressões devido a uma variedade de fatores, tais como: exigências de mercado e expectativas de mercado; uma divisão de trabalho precária e atípica que fragmenta a profissão; uma erosão contínua de seus valores e práticas por meio da intervenção da tecnologia (incluindo o advento de algoritmos, drones, robótica e softwares para selecionar, organizar, relatar e publicar as notícias); uma crença completamente instável e flutuante no setor público em geral (Van de Walle; Van Roosbroek; Bouckaert, 2008), e um declínio concomitante da crença do jornalismo especificamente (McNair, 2003) (DEUZE E WITSCHGE, 2015, p. 10).

Conforme Deuze e Witschge (2015), a formação de uma sociedade redacional, em que práticas editoriais são requeridas por qualquer pessoa na era digital, favorece a perda da exclusividade do saber para noticiar dos jornalistas. Aliada a outras tendências da esfera social, institucional e individual, o jornalismo deixaria gradativamente de ser uma profissão e o jornalista de ser uma autoridade. Na seara institucional, a não exigência do diploma para o exercício do jornalismo, a descentralização da redação como local para a prática profissional e a emergência de novos arranjos de trabalho alternativos às corporações de mídias (FÍGARO, 2018) denotam uma abertura do campo jornalístico e mobilizam seu repensar.

Dáí porque Deuze e Witschge (2015) orientam que os pesquisadores pensem o jornalismo contemporâneo sob um registro ontológico do tornar-se, do vir a ser, e não sobre a ideologia do ser. A primeira atitude investigativa nessa direção é o reconhecimento de que há múltiplas formas de se fazer jornalismo hoje, algumas ancoradas na ideologia profissional da modernidade, no sistema estável de trabalho (RIBEIRO, 2014) e outras assentadas na

convergência do jornalismo com diferentes práticas comunicativas (CHARRON E BONVILLE, 2016) e na flexibilidade do trabalho (ANTUNES, 2018).

As práxis jornalísticas, portanto, comportam mudanças e permanências, continuidades e descontinuidades, tradições e inovações. Um dos aspectos ainda permanente no campo jornalístico é a entrada no mundo do trabalho via formação superior. Mesmo as organizações midiáticas que não delegam a produção noticiosa exclusivamente aos jornalistas têm predileção pela seleção de profissionais diplomados. O diploma simboliza, portanto, o primeiro capital adquirido pelos jornalistas profissionais, o capital escolar (BOURDIEU, 2015), que lhes dará poder em comparação com aqueles que não são graduados.

O sociólogo do trabalho Claude Dubar (2012) reitera que a certificação é um atestado de profissionalização e um dos elementos que forjam a identidade profissional. Contudo, ele adverte que a qualificação, por si só, não sustenta a permanência no mundo do trabalho, pois aos saberes teóricos e reflexivos advindos da formação escolar devem-se somar aqueles provenientes das experiências em situações de trabalho.

Joaquim Fidalgo (2008) propõe a discussão dos saberes que envolvem a profissão jornalística sob o viés de uma epistemologia da ação com vistas à superação da dualidade entre teoria e prática instaurada pela racionalidade técnica.

Recorde-se, entretanto, que o termo “saberes” designa realidades diversas. BARBIER (1996) sugere a distinção de três componentes habitualmente presentes, em graus diversos, quando falamos de saberes, e que retomam a articulação entre os domínios da teoria e os da prática: os *conhecimentos* (próximos de saberes “objectivados” que são apropriados mediante um processo de interiorização, pelos indivíduos, de realidades que lhes são exteriores, o que se faz predominantemente através de sistemas de socialização como a escola e o ensino), as *capacidades* (saberes de espectro mais largo que os anteriores, pois integram já elementos de tipo operativo, ligados à actividade concreta, e que se desenvolvem sobretudo através de sistemas de socialização como a formação, o treino, o exercício), e finalmente as *competências* (saberes tipicamente mais ligados à acção, quer do ponto de vista da “*performance*” realizada, quer do comportamento adoptado, e que se desenvolvem através de sistemas de socialização como os sistemas de trabalho, de formação integrada no trabalho, de investigação-acção, de tutorado) (FIDALGO, 2008, p. 05).

O termo competência emerge no universo linguístico do mundo do trabalho com a reestruturação produtiva em curso desde os anos 70 e adere aos princípios do Toyotismo (ANTUNES, 1999), na medida em que destaca o “saber-ser” e os comportamentos psicológicos do trabalhador em detrimento do saber-fazer privilegiado pela educação formal. Enquanto a

qualificação é um atestado de validade permanente, a competência é contextual e temporária, podendo ganhar acréscimos ao longo da vida de trabalho (FIDALGO, 2008). É exatamente esse aspecto maleável da competência que a faz ter mais aderência no cenário de flexibilidade no mundo do trabalho.

O que é novo nesta abordagem é que as novas qualidades requeridas por este modelo de competência – as relacionais, organizacionais e éticas – já não são entendidas, como no passado da prática profissional, como um mero “suplemento de alma” que melhoraria possivelmente a *performance* individual de um jeito voluntarista, mas como “uma necessidade vital” (*ibid.*: 67) ligada à própria construção e afirmação profissional, ou seja, “um elemento da profissionalidade” (*ibidem*); novo é também que essas qualidades, antes apontadas apenas como “características naturais” decorrentes de supostos “dons” pessoais, são agora percebidas como “capacidades colectivas, para cujo desenvolvimento as instituições podem incitar e formar os seus agentes” (*ibidem*) (FIDALGO, 2008, p. 14).

O autor enfatiza que as competências baseadas em saberes de ação fomentam uma reprofissionalização do jornalismo ancorada na valorização da ética relacional; na afetividade; na autonomia e na reflexividade desenvolvidas pelos jornalistas na realidade laboral. O desenvolvimento de competências de ação e a expressão do saber-ser jornalista despontam assim como elementos de diferenciação em um cenário no qual a concorrência entre os indivíduos é um horizonte inevitável (CHARRON E BONVILLE, 2016).

2 Entre a tradição e a inovação

Seja na Sociologia do Trabalho ou nas Teorias do Jornalismo, há uma corrente de estudiosos que credita o aprendizado profissional aos espaços de socialização no mundo do trabalho (DUBAR, 2012); ao mimetismo das ações de profissionais mais experientes (CHARRON E BONVILLE, 2016) e à composição de uma tribo com valores comuns (TRAQUINA, 2005). Nessas perspectivas, os saberes apreendidos em sala de aula precisam ser ativados nas situações de trabalho. Contudo, isso não significa que os conhecimentos providos pelos cursos sejam dispensáveis, tanto que mesmo com a não obrigatoriedade do diploma, as graduações na área viveram uma expansão gradativa (MICK, 2012).

As políticas de expansão do ensino superior adotadas pelos governos federais nos últimos 15 anos favoreceram o aumento de vagas nas redes pública e privada desencadeando, em algumas áreas, uma verdadeira saturação de profissionais no mundo do trabalho. No Ceará,

até o final dos anos 90, havia apenas um curso superior de Jornalismo, vinculado à Universidade Federal do Ceará. Em duas décadas, outros sete cursos surgiram no Estado. No Brasil, esses números ganham expressão mais intensa: são 417 cursos presenciais de jornalismo³, que formam cerca de 6 mil jornalistas por ano⁴.

Mick (2012), ao pesquisar a expansão dos cursos de Jornalismo no Brasil, levanta a hipótese de que “como resultado da multiplicação do número de graduados, houve uma intensificação dos enfrentamentos em todo o território brasileiro entre graduados e não graduados”. A essa disputa acrescenta-se a institucionalização das DCNs. A valorização da cultura profissional do jornalismo está no cerne das diretrizes curriculares (MEDITSCH, 2018) que organizam a formação do graduando em seis eixos: fundamentação humanística, fundamentação específica, fundamentação contextual, formação profissional, aplicação processual e prática laboratorial (BRASIL, 2013). As competências profissionais dos jornalistas graduados esperadas de acordo com o documento são de naturezas técnica, teórica, ética, tecnológica e estética. As Diretrizes destacam ainda a preparação do profissional para lidar com a mutação tecnológica, dominar metodologias jornalísticas para apuração, depuração, aferição, edição e difusão dos fatos; e exercer fiscalização sobre os poderes constituídos garantindo aos cidadãos o direito à informação com a livre circulação de ideias e opiniões (BRASIL, 2013).

Winques, Barcelos e Cordeiro (2018) observam que as novas competências requeridas para os profissionais de jornalismo não estavam presentes nas rotinas de trabalho há 20 anos, quando o meio impresso era o centro da produção noticiosa. A internet e a consequente digitalização da vida em sociedade forçaram a revisão das práticas jornalística, que agora se moldam também a partir de agentes inovadores como algoritmos, inteligência artificial e realidade virtual. Enquanto as Diretrizes são claras em relação à formação no âmbito tecnológico e de inovação no jornalismo, elas não verbalizam, por exemplo, o investimento ou reforço nas técnicas investigativas, consideradas tradicionais ao campo jornalístico.

³ Número obtido a partir de pesquisa realizada no banco de dados do Ministério da Educação com o filtro de cursos de Jornalismo ativos em 2019.

⁴ Dado apresentado pelo professor Felipe Pontes, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR) durante o Seminário “Ainda é possível falar em Jornalismo?”, realizado no dia 25 de junho na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

O jornalismo investigativo é considerado por Nascimento (2007) como aquele resultado de investigação ativa do repórter e não da investigação proveniente de instituições públicas ou de outros agentes sociais. Surge como tendência no final do século XIX e ganha fôlego no século XX, sendo o caso Watergate paradigmático⁵. Na literatura brasileira sobre jornalismo, autores como Nilson Lage e Alberto Dines fizeram referências sobre características e técnicas investigativas (SEQUEIRA, 2005). Cleofe Sequeira (2005, p. 23) recorda que, para Dines, o abandono da investigação se deu quando os jornais optaram por uma linha empresarial que informa sem se comprometer. Diferente do que Dines defendia, que o repórter do jornal diário estava apto a quebrar rotinas para praticar a investigação, o que se evidenciou foi o trato do jornalismo investigativo em editoriais especiais, com profissionais apartados da produção noticiosa diária para a dedicação a projetos longos publicados em formatos de séries ou em caderno especiais.

Comumente associado ao jornalismo impresso, o jornalismo investigativo também é afetado pela crise dos jornais que se agrava no século XXI, contudo, encontra espaço na associação ao jornalismo de dados. Conforme Träsel (2014, p. 90), o jornalismo guiado por dados corresponde a um conjunto de técnicas jornalísticas que implicam na “aplicação da computação e dos saberes das ciências sociais na interpretação de dados, com o objetivo de ampliar a função da imprensa como defensora do interesse público”. Essa forma de fazer jornalismo a partir do acesso a grandes bancos de dados implica no surgimento de novas narrativas jornalísticas e requer outras competências profissionais que vão além do “escrever bem”, tão associada ao paradigma do jornalismo impresso.

Os autores, baseados em uma classificação realizada por Calvo (2007), apontam dez eixos de mudanças nos saberes acadêmicos para a formação de jornalistas guiados por dados: mudança de mentalidade; conhecimento da estrutura midiática; conhecimento das possibilidades do novo meio; conhecimento de domínio da Internet; conhecimento e domínio das novas rotinas de produção; utilização das principais ferramentas telemáticas; domínio da utilização de fontes na internet; capacidade de criar mensagens adaptadas à rede; capacidade

⁵ Investigação jornalística realizada pelos jornalistas do Washington Post, Bob Woodward e Carl Bernstein, nos anos 1970, que levou à queda do presidente Nixon.

de trabalho em equipe; capacidade de atualização profissional constante (MIELNICZUCK E TRASEL, 2017, p. 617).

Mirando nesses eixos e nos preceitos das DCNs, fizemos uma pesquisa exploratória junto aos cursos de Jornalismo no Ceará com vistas a perceber como o ensino do jornalismo investigativo e do jornalismo de dados aparece em seus currículos e nas salas de aula.

3 Aspectos metodológicos e análise

Para a realização deste estudo de natureza qualitativa e exploratória (GIL, 2009), lançamos mão de uma triangulação metodológica, que consiste no uso de diferentes métodos e/ou técnicas de coleta e abordagem do objeto empírico de forma complementar (FÍGARO, 2014). Adotamos essa abordagem para conhecer o mundo do ensino de jornalismo no Ceará, e recorreremos à aplicação de um questionário, análise documental e realização de entrevistas semiestruturadas junto a professores e coordenadores de cursos de graduação.

O universo da pesquisa foi composto de oito cursos presenciais de Jornalismo, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal do Ceará (Fortaleza); Universidade 7 de Setembro (Fortaleza); Faculdades Cearense (Fortaleza); Universidade de Fortaleza (Unifor/Fortaleza); Faculdades Nordeste Devry (Fortaleza); Centro Universitário Estácio (Fortaleza); Universidade Federal do Cariri (Juazeiro do Norte) e Universidade Inta (Uninta/Sobral).

Durante os meses de maio e junho de 2019, enviamos um questionário com 49 perguntas de múltipla escolha e abertas, por e-mail, para os coordenadores dos cursos, considerados aqui como informantes-chave, pois poderiam encaminhar o questionário para professores que tivessem mais afinidade com a temática da pesquisa. Obtivemos o retorno de 12 docentes de sete instituições. Apenas o Centro Universitário Estácio não respondeu. Obtivemos 10 programas de disciplinas, enviados pelos professores ou capturados na internet, e três Projetos pedagógicos de cursos.

Encerradas essas duas etapas, partimos para as entrevistas semiestruturadas, realizadas com dois docentes responsáveis por disciplinas de Jornalismo investigativo e com um docente que leciona Jornalismo infográfico. Os demais respondentes da pesquisa estão vinculados às seguintes disciplinas: Jornalismo Especializado II; Jornalismo investigativo; Técnicas de

investigação jornalística; Jornalismo impresso; Jornalismo online e/ou Webjornalismo (totalizam quatro ocorrências) e Design de notícias. Desse conjunto, Jornalismo impresso, Design de notícias e Técnicas de Investigação apresentaram menos aderência com jornalismo investigativo e jornalismo de dados, portanto, não serão analisadas.

Análise 1:

Nesta IES privada, há a disciplina Jornalismo Investigativo, com carga horária de 64 horas/aulas, obrigatória, ofertada no 4º semestre. O docente que a leciona há três anos e já atuou como jornalista investigativo, tendo recebido prêmios por reportagens realizadas ou editadas por ele. Essa práxis lhe permite definir precisamente o jornalismo investigativo:

Pra mim, jornalismo investigativo é o jornalismo mais institucional que existe, o jornalismo que segue todas as regras práticas, que respeita todas as regras práticas de objetividade jornalística, que tem que ter em mente as funções básicas do jornalismo levando em conta seus valores. Então, pra mim, é o mais institucional, é como se fosse o jornalismo mais puro. O jornalismo de dados é uma vertente da investigação que trabalha o jornalismo a partir do Big data, um grande número de dados que existe por aí. As pessoas vão tentar organizar esses dados de modo que conte uma narrativa jornalística. (INFORMANTE 1).

Essa definição diferencia o jornalismo diário do jornalismo investigativo. A palavra “institucional” é usada para qualificar o jornalismo investigativo como aquele fiel a uma deontologia do jornalismo, às normas e valores da profissão. Há aqui uma positivação e idealização do jornalismo investigativo, simbolizadas pela expressão “o jornalismo mais puro”, como se estivesse livre dos entraves que o jornalismo diário vivencia. Essa visão idealista é reforçada pelo docente na definição do perfil do egresso da disciplina.

O jornalista que tem competência para o investigativo normalmente é o jornalista no ethos ideal, que seria a personalização da insistência, o cara tem que ser insistente, ele tem que ser perspicaz, ter uma reflexão boa, tem que ser muito corajoso em enfrentar o poder, né, ter independência, autonomia nesse processo. E ter uma habilidade de compreender, de trabalhar com um grande número de informações e de fazer com que esse grande número de informações se torne uma narrativa aceitável e palatável para o público em geral (INFORMANTE 1).

As competências jornalísticas apontadas pelo professor estão na seara dos saberes de ação, pois não implicam em conhecimentos curriculares, técnicos ou teóricos, mas na ativação de características de uma seara mais comportamental, como a perspicácia e a coragem. Aliados aos conteúdos formais, como o saber de narração (TRAQUINA, 2005).

Os conteúdos da disciplina elencados mostram que a competência jornalística investigativa abrange também a relação com o Big Data: “O objeto da investigação; Tipos de narrativa - História de Vida, Jornalismo de dados; Tipos de narrativa - Fact Checking; Formulação de hipóteses, As bases de dados como fonte; Coleta e organização de dados; A interpretação dos dados; edição e Ética e controle de qualidade na investigação jornalística.” (INFORMANTE 1). Essa seleção mostra uma perspectiva jornalística que transita entre temáticas clássicas ao ensino e à prática, como os tipos de narrativa e histórias de vida, e inovações a exemplo do fact checking, atualizando assim o saber narrativo do jornalista.

Na bibliografia da disciplina, tem-se cinco livros relacionados aos temas investigação e dados, dos quais dois são sobre jornalismo investigativo, com destaque para a obra de Cleofe Sequeira, referência na área. Entre os demais, é interessante destacar que uma das referências trata de infográficos no jornalismo, o que denota a preocupação com a diversificação das narrativas geradas pelas investigações e pelos dados. Essa atualização e abrangência referencial reforça a preocupação do docente com o jornalismo investigativo na contemporaneidade, considerado essencial em um contexto de desinformação, de embates entre o jornalismo, a política e o capital e de crise das instituições modernas.

Hoje eu acho importante o jornalismo investigativo porque a gente tem relativizado muitas regras do jornalismo. (...) Isso tem muito a ver com comércio, com modelo de negócio, com as fake News e, tudo mais, foi preciso uma reação do jornalismo, e essa reação deu um passo atrás na função do jornalismo de analisar, de dar opiniões, para a função de informar e investigar. Então é como se nós tivéssemos dado um passo atrás para poder crescer. O jornalismo de dados vem sempre a reboque do investigativo, porque ele nos dá acesso, a partir do Big data e da tecnologia, a essa informação que antes a gente só conseguia a partir de uma fonte ou de um material tratado. Então a gente consegue ir no material bruto e a gente dá o tratamento que a gente quiser. Na verdade, o jornalismo de dados, pra mim, é uma técnica de apuração investigativa.

Análise 2:

Nesta IES pública não há uma disciplina nomeada Jornalismo de Dados, mas o tema integra uma matéria de jornalismo na internet, obrigatória e ofertada no 5º semestre. A expressão jornalismo de dados não figura também na ementa nem nas referências bibliográficas da disciplina citada. Podemos inferir que os conteúdos relativos a essa temática são ministrados pelo docente por meio de seus saberes de ação. O olhar frio para a ementa poderia conduzir a interpretação de que o jornalismo de dados é considerado uma categoria do ciberjornalismo, já que esta é a modalidade de produção jornalística enfatizada no texto ementário. Contudo, por

meio do questionário, o docente da disciplina esclareceu o sentido do jornalismo de dados abordado em sala de aula. “O Jornalismo de Dados é apresentado como uma área de especialização jornalística que permite desenvolver pautas a partir de um conjunto significativo de informação que pode ser manipulada por softwares específicos” (INFORMANTE 2). O destaque para a manipulação de softwares fica evidente quando o docente especifica alguns conteúdos abordados ao longo do desenvolvimento da disciplina.

Princípios básicos de ETL: formatos de bases de dados (com destaque para a extensão csv), importação para planilha eletrônica (usamos o Calc, porque a universidade dá ênfase ao software livre) e organização da base de dados. Análise de dados: consolidação por meio do recurso “Tabela Dinâmica”. Visualização de dados: importação dos dados e configuração de parâmetros para produção de gráficos usando a plataforma de visualização de dados Flourish (INFORMANTE 2).

Esses conteúdos são parte dos saberes de ação de um professor que tem quase uma década de docência e um ano de trabalho dedicado ao ensino de jornalismo de dados. Ele tenta articular seus saberes de forma a superar as barreiras relativas ao aprendizado de jornalismo de dados, que são motivadas pela “forte interface com o pensamento informático (para manipulação de dados) e com a estatística (para apresentação dos resultados)”. Os estudantes precisam superar sobretudo o “medo dos números” para performarem também seus saberes de ação com a realização de um produto final para a disciplina, composto por um projeto de jornalismo de dados, com texto e visualização.

É possível perceber, portanto, um esforço individual do docente em apresentar o jornalismo de dados como uma inovação, atualizando informalmente o projeto pedagógico do curso, que data de 2016. E até que o tema figure formalmente no projeto do curso, seu ensino ficará vinculado à disponibilidade do docente.

Análise 3:

Na disciplina Jornalismo infográfico, ministrada em uma IES pública, o jornalismo de dados é contemplado de forma basilar. “O objetivo da disciplina é instrumentalizar o aluno na teoria, técnica e prática da infografia e no domínio das linguagens gráfico-visuais aplicadas ao jornalismo (mapas, gráficos estatísticos, diagramas, etc)”, explica o programa da disciplina. Já o docente apresenta o jornalismo de dados de forma mais abrangente.

Hoje vivemos em um mundo em que produzimos dados o tempo todo, tudo que você come, onde você vai, as músicas que você ouve, tudo se torna dados. E se tornam dados para o bem e para o mal, então, pra mim, é meio impossível hoje o jornalista trabalhar apenas com a ideia de que é possível fazer jornalismo apenas pegando declarações das pessoas, aspas, sem levar em conta todo um universo de dados que é produzido cotidianamente e tentar interpretar esses dados pro leitor e dizer que eles significam (INFORMANTE 3).

O pensamento do professor está em consonância com as observações de Mielniczuck e Träsel (2017, p. 623) de que o jornalismo de dados não deve ser enclausurado em uma única disciplina. A orientação do docente entrevistado converge com essa perspectiva de inerência dos dados para o trabalho jornalístico, não incorrendo na falácia de se restringir ao aspecto tecnológico do tema. Dentre os conteúdos destacados pelo docente estão: “Leitura e interpretação de dados estatísticos; trato com as fontes e checagem dos dados”, atividades que mobilizam competências cognitivas importantes para os jornalistas independentemente de sua especialização em dados ou não. Estes que se completam aos ensinamentos relativos à visualização de dados por meio de narrativas infográficas. Um dos saberes mobilizados durante as aulas é o manuseio do programa R, software comumente adotado para extração e limpeza de informações em grandes bases de dados. O destaque desse conteúdo mostra a preocupação com o aprendizado relativo a uma competência tecnológica, esta que figura nas DCNs como uma das habilidades que devem ser estimuladas entre os estudantes, e que se agrega diretamente a uma nova percepção cognitiva de que a informação jornalística não depende apenas de fontes humanas.

O reconhecimento de que as bases de dados podem ser entrevistadas é um dos maiores desafios enfrentados pelos professores da área, como bem observou o docente dessa instituição ao ser indagado sobre as dificuldades para lecionar sobre o assunto. “Uma certa falta de letramento matemático-estatístico por parte de alguns alunos, que morrem de medo de números”, o que nos remete aos eixos para a formação em jornalismo guiado por dados explicitados por Mielniczuck e Träsel (2017), dos quais a mudança de mentalidade figura como o primeiro da lista. Contudo, quando os estudantes conseguem superar essa barreira cognitiva e cultural, o aprendizado acontece e a disciplina não se torna um fardo.

Os alunos chegam na disciplina achando que não vão dar conta, porque ‘ah, não sei desenhar’, eu procuro acalmá-los e explicar que infografia não é questão de desenho, é outra coisa, se você sabe escrever, se você sabe trabalhar com linhas, com formas geométricas, você consegue visualizar um conjunto de informações. Na parte de

estatística o pessoal fica mais assustado, mas a ideia da visualização de dados eles acham interessante (INFORMANTE 3).

O papel do docente apresenta-se essencial nessa mediação cognitiva de novos saberes requeridos para o trabalho no mundo do jornalismo.

Análise 4:

A mediação do professor também é relevante no ensino de jornalismo de dados numa disciplina de Jornalismo na Internet, que consta como obrigatória no 5º semestre do curso de uma IES pública. O tema figura na ementa, no cronograma de aulas e nas referências bibliográficas. Para o professor, o jornalismo de dados pode ser entendido como:

Uma terminologia que ajuda a identificar técnicas, atitudes e ferramentas capazes de organizar, sistematizar e dar sentido a vastos volumes de informações, em muitos de natureza numérica, sob a premissa fundamental de que ao jornalismo cabe explorar essas bases de dados sempre que houver interesse coletivo. Em geral, trata-se de grandes volumes de dados que são submetidos a operações matemáticas, estatísticas e/ou informáticas necessárias do ponto de vista da apuração e edição jornalísticas. É comum a existência de visualizações que nos permitem compreender a lógica de organização desses dados e que constatações se podem fazer a partir deles. (INFORMANTE 4).

Essa definição denota o saber cognitivo do docente e seu interesse particular pelo tema que se embasa em bibliografia especializada visível no referencial da disciplina com cinco livros e vários artigos dedicados exclusivamente ao jornalismo de dados. Na turma, são trabalhados também saberes tecnológicos relativos ao manuseio de softwares e plataformas como Facebook, Infogram, Storymap e Timeline Knightlab, utilizados para a produção de um pacote multimídia que pode incluir reportagens e visualizações de dados.

A disciplina abarca vários eixos para o ensino de jornalismo guiado por dados explicitados por Mielniczuck e Träsel (2017). Ela viabiliza o “conhecimento das possibilidades do novo meio; conhecimento de domínio da Internet; conhecimento e domínio das novas rotinas de produção; utilização das principais ferramentas telemáticas; domínio da utilização de fontes na internet; capacidade de criar mensagens adaptadas à rede; capacidade de trabalho em equipe”, o que denota a sensibilidade do docente sobre a relevância e inovação do tema. Além disso, o registro do jornalismo de dados nos documentos da disciplina expressa sua assimilação como um conteúdo regular, desvinculando-o de uma predileção docente particular.

Análise 5:

A última disciplina analisada está no currículo de uma IES privada, intitulada Jornalismo investigativo, sua natureza é obrigatória e vincula-se ao 7º semestre. Ela adota o jornalismo investigativo sob a seguinte perspectiva:

Jornalismo investigativo eu defino como aquelas reportagens que aprofundam mais o assunto e que partem de uma hipótese, elas têm o que investigar, não é só fazer uma matéria, um apanhado de uma situação, é uma hipótese mesmo, sai-se de uma ideia e vai comprovar ou aprofundar, e aí tem que realmente descobrir as informações, falar com mais pessoas, tem que trazer mais dados, que é o que a gente sabe que não dá pra fazer no dia a dia da redação. E pra mim jornalismo de dados são as reportagens frutos de análise e coleta de dados, seja de que fonte a gente consiga ter, desde que sejam dados que o jornalista recolha ou dados que já estão disponíveis (INFORMANTE 5).

Essa definição toca no cerne da diferenciação em relação à prática do jornalismo diário, postura defendida por autores como Nascimento (2007) e Sequeira (2005), pois seu foco está no trabalho de apuração do repórter. O uso da expressão “hipótese”, proveniente do campo semântico da ciência, expressa bem esse caráter de busca, de descoberta feita pelo próprio jornalista. Há ainda uma indissociabilidade entre as práticas investigativas e de dados.

Dentre os conteúdos ministrados na disciplina estão “casos de jornalismo investigativo, técnicas de reportagem, lei de acesso à informação, questões éticas” e o manuseio de softwares como Flourish e Excel. Percebe-se que há o intento de unir a tradição do jornalismo investigativo com as inovações provenientes do jornalismo de dados. No entanto, essa dialética encontra como entrave a adoção da reportagem impressa como produto final da disciplina. A exclusividade da plataforma impressa não permite aos estudantes lançar mão de saberes de ação para a construção de reportagens multimidiáticas ou de visualizações de dados mais dinâmicas. Apesar desses limites, os estudantes já exploraram nas reportagens impressas temas como “situação dos moradores de rua em Fortaleza, uso de produtos químicos nas frutas da Ceasa, relação entre os Cucas e crimes juvenis, proteção do Parque do Cocó, saneamento em Fortaleza”, o que denota uma preocupação com a investigação de fatos de relevância social para o contexto local, orientação que se ancora nas premissas do jornalismo investigativo elencadas por Sequeira (2005) e Nascimento (2007).

No que diz respeito às competências jornalísticas trabalhadas em sala, a resposta do professor aponta para os saberes de ação.

As competências, pra mim, são paciência, porque, assim, às vezes, os alunos querem resolver logo as pautas e esse é o tipo de pauta que não se resolve logo. Então, tem que ter paciência, tem que ser organizado, saber organizar a informação porque às vezes vem muita informação e a gente olha pra aquela ruma de coisa e fica (confuso sobre) onde começa, onde termina. Então saber organizar o fluxo da informação. E saber contar uma história. Isso pra mim é jornalismo investigativo. Pro jornalismo de dados eu acho que eles têm que saber lidar com dados, tem que ter uma cabeça de Excel. Acho que eles têm que começar a pensar também em infográfico, porque às vezes você faz um texto enorme, mas o leitor vai precisar de ajuda pra entender isso aqui. Como seria esse infográfico? Como ficaria esse infográfico? E a gente não tem esse treinamento de lidar com números, né? (INFORMANTE 5).

A paciência e a organização são saberes de ação agregados aos conhecimentos tecnológicos e ao saber de narração que contempla também a compreensão do infográfico como um código narrativo para as reportagens de dados e investigativas. Essa articulação de conhecimentos fortalece o ensino do jornalismo investigativo, despertando o interesse dos estudantes.

Acho que eles se identificam mais com a parte da busca das informações, de ir atrás de informações e trazê-las. No Jornalismo de dados, acho que se empolgam mais quando descobrem que os dados estão disponíveis, abordamos eleições, mostro onde ficam os documentos, a declaração de renda dos candidatos, os dados do Bolsa Família, é quando mais se empolgam (INFORMANTE 5).

A aproximação com bancos de dados estruturados e com ferramentas que possibilitam analisar informações, porém, ainda não é suficiente para a formação de uma primeira geração de jornalistas guiados por dados, pelo menos, é o que considera o professor dessa disciplina, para quem se vive ainda uma fase de curiosidade em torno desses conhecimentos, precisando haver a consolidação desses saberes.

4. Considerações finais

A inclusão do jornalismo de dados e do jornalismo investigativo na prática das salas de aula, mesmo ausente nos programas das disciplinas, denota a percepção dos professores da relevância do tema para a formação dos estudantes e de seu potencial inovador para o mundo do trabalho do jornalismo. Contudo, essa injunção didática tem um custo: encontrar formas pelas quais os alunos superem o “medo dos números”. Essa solução não é individual, mas

conjuntural, por meio de uma reorientação cultural dos cursos e dos professores com vistas a superar limites impostos por uma “cultura de humanas”, que se reproduz por meio de discursos circulantes na esfera acadêmica de que os estudantes e profissionais advindos das Ciências Humanas não têm aptidão para o trato matemático, ficando essa competência restrita aos “profissionais das exatas”.

Podemos concluir ainda que a atualização dos cursos com a inclusão do jornalismo de dados seja como disciplina individual ou por meio de laboratórios ou projetos poderá favorecer saberes relativos ao jornalismo investigativo. Essa associação além de compor um movimento dialético entre inovação e tradição no campo jornalístico é também uma combinação imprescindível para a formação de uma primeira geração de jornalistas de dados no Ceará e para o trânsito desses profissionais em uma realidade em que a geração de riquezas, a construção de laços afetivos e as relações de poder são também mediadas por dados, auxiliando-os assim a serem profissionais mais autônomos no mundo do trabalho.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. O novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- _____. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2015.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Resolução 01/CNE/CES/2013**, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília, 2013.
- CHARRON, Jean. e BONVILLE, Jean. **Natureza e Transformação do Jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.
- DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do Jornalismo. In **Leituras do Jornalismo**. Ano 2. V. 2. Nº 4. Jul/Dez, 2015.
- DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. Trad. Fernanda Machado. In **Cadernos de Pesquisa** v.42 n.146 p.351-367, maio/ago, 2012
- FIDALGO, Joaquim. Jornalistas e saberes profissionais. In **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Natal (RN), setembro de 2008.
- FÍGARO, Roseli. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.
- _____. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. In **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. N.16. V. 2: 124-131 maio/agosto 2014.
- GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso: fundamentação científica, subsídios para coleta e análise de dados, como redigir o relatório**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

- MEDITSCH, Eduardo et al. **O ensino de jornalismo sob as novas diretrizes: miradas sobre projetos em implantação.** Florianópolis: Insular, 2018.
- MICK, Jacques. A expansão do ensino de jornalismo no Brasil e a reconfiguração da categoria profissional (2000-2010). In: **Congresso Internacional de Estudos sobre Periodismo.** Santiago. Anais eletrônicos, 2012.
- MIELNICZUK, Luciana; TRÄSEL, Marcelo. Jornalismo guiado por dados como inovação profissional e seus desafios para a educação. In **Contemporânea | comunicação e cultura.** v.15. n.02 – maio-ago 2017, p. 609-629.
- NASCIMENTO, Solano. **Jornalismo sobre investigações: relações entre Ministério Público e a imprensa.** Tese (Doutorado em Comunicação), Brasília: Universidade de Brasília, 2007, 216 f.
- RIBEIRO, Marcelo. Afonso. **Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado.** Curitiba: Juruá, 2014.
- SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **O fato por trás da notícia.** São Paulo: Summus editorial, 2005.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional.** V. 2. Florianópolis: Insular, 2005.
- WINQUES, Kérley; BARCELOS, Marcelo e CORDEIRO, William. O Ensino de jornalismo digital e de inovação. In MEDITSCH, Eduardo et al. **O ensino de jornalismo sob as novas diretrizes: miradas sobre projetos em implantação.** Florianópolis: Insular, 2018.